



A crise na sétima arte em filme

Cinema. Hoje à tarde é exibido no Cinema São Jorge, integrado no festival DocLisboa, o documentário 'Ó Marquês Anda cá abaixo Outra Vez!', no qual 19 realizadores falam sobre as dificuldades que o sector do cinema está a atravessar

JOÃO MOÇO

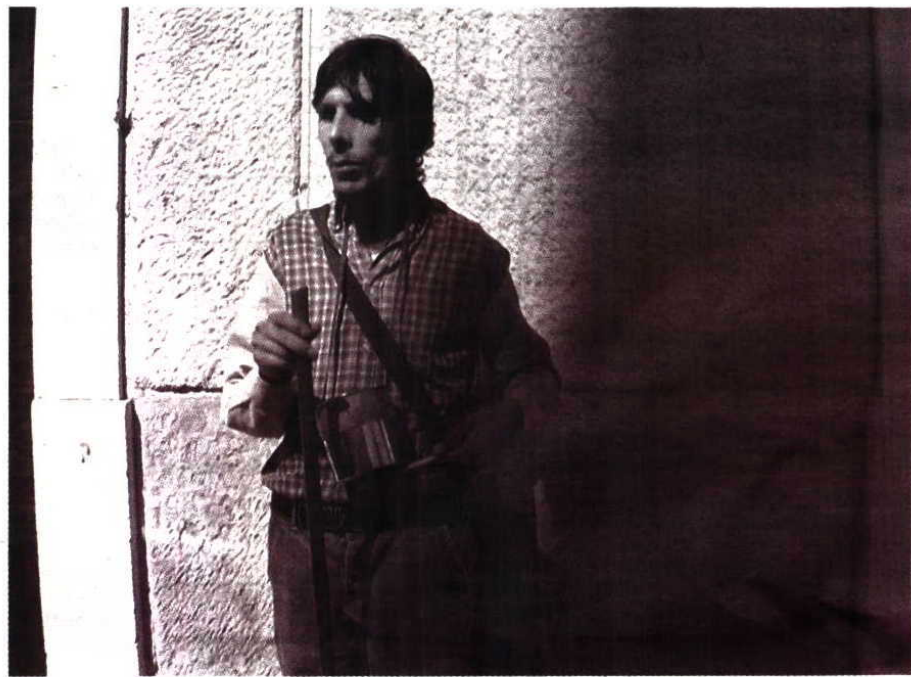
"Este filme é uma chamada de atenção. É um filme de revolta e que faz as pessoas ficarem revoltadas. Porque a atual situação é de rutura, não só do trabalho, mas também empresarial", refere ao DN o cineasta João Viana, que realizou o documentário *Ó Marquês Anda cá abaixo Outra Vez!*, que passa esta tarde no Cinema São Jorge, no âmbito do festival DocLisboa, cuja 10.ª edição termina amanhã.

Durante 60 minutos ouvimos os testemunhos de 19 realizadores portugueses, quase sussurrando, lembrando como o sector se encontra paralisado, sendo muitas as dificuldades que atravessa. Nalgumas palavras denota-se uma clara indignação. "O dinheiro desaparece, mas ninguém consegue explicar de forma racional para onde foi, onde está ou quem ficou com ele. Isso não é saudável", ouve-se nos primeiros minutos deste documentário, que é o terceiro filme de João Viana, de-

pois de *A Piscina* e de *Alfama*.

O filme passa na Sala Manoel de Oliveira do Cinema São Jorge, às 15.00, seguindo-se um debate com a maioria dos cineastas envolvidos no projeto. Foi ainda confirmado ao DN por fonte do DocLisboa que estarão presentes nesta discussão sobre a crise na sétima arte três deputados com assento no Parlamento, apesar de não ter adiantado nomes.

Edgar Pêra, João Nicolau, Rita Nunes, Cláudia Varejão, Edgar Feldman, Inês Oliveria, João Pedro Rodrigues, Júlio Alves, Leonor Noivo, Manuel Mozos, Marco Martins, Pedro Sarrazina, Renata Sancho, Teresa Garcia, José Miguel Ribeiro, Mariana Gaivão, João Salaviza, Sandro Aguilar e Alberto Seixas Santos são os 19 realizadores que participam em *Ó Marquês Anda cá abaixo Outra Vez!*, sendo que alguns deles deram também o seu testemunho ao DN de como a crise (não só do cinema, mas a que atinge todos os quadrantes da sociedade portuguesa) está a afetar as suas vidas e o seu trabalho.



As dificuldades do sector do cinema são retratadas no filme 'Ó Marquês Anda cá abaixo Outra Vez'

O QUE DIZEM OS REALIZADORES



João Viana

Olhar para a televisão

» Desde 2009 que eu e a minha equipa conseguimos viver dos filmes que fazíamos. Atualmente tento virar-me para a televisão, mas mesmo assim os canais não têm ordens de compra e, por isso, fizemos este filme em desespero. Como não podemos fazer greve, fizemos este filme. O nosso trabalho pode não dar de comer, mas somos a expressão da comunidade artística portuguesa. Cortar o cinema é cortar a forma de Portugal se expressar no mundo.



João Salaviza

Trabalhos paralelos

» Não vivo dos filmes que faço, antes pelo contrário. Os salários que recebi de cada um deles foram quase simbólicos, considerando os meses de trabalho. Por isso, dou aulas e faço outros trabalhos. Estive há pouco tempo no Brasil a trabalhar para um realizador brasileiro. Eu fui a Bertim, onde ganhei um prémio, tive felicitações do Presidente da República e do secretário de Estado, mas se não houvesse um investimento nosso, o filme nem tinha sido exibido lá.



Sandro Aguilar

Multiplicar funções

» Tenho-me multiplicado em diferentes trabalhos da área do cinema para conseguir sobreviver, entre montagem, realização e produção. Ainda fiz um filme há pouco tempo, mas porque tinha financiamento anterior, porque muitos filmes ficaram parados por causa da falta de verbas. O lado mais pernicioso e dramático de toda esta situação é a falta de resolução do problema e de tomada de decisões, em função das circunstâncias em que o País se encontra.



Júlio Alves

Outra atividade

» No meu caso particular consigo viver porque tenho atividades complementares. Enquanto realizador de cinema nem sequer vivo. Trabalho em publicidade e, por isso, consigo canalizar parte do meu tempo para o cinema, porque tenho uma atividade que me permite sustentar-me. Nunca ganhei um euro com os filmes que fiz. Mas a minha atividade também sofreu drasticamente e está em crise, existe muito desemprego nesta área.



Renata Sancho

Ajuda de familiares

» Eu acumulo o trabalho de realização com o trabalho de profissional de cinema (a recibos verdes) como montadora e anotadora há 11 anos para produções portuguesas e estrangeiras. Nas alturas que escasseia trabalho desdobrei-me em diversas atividades que me permitam pagar as contas e comida: desde trabalho menos especializado de servir cafés, distribuir folhetos. Já houve meses difíceis e tenho a sorte de ter amigos e familiares que dão ajuda.



Edgar Feldman

Viver de poupanças

» Cada vez se consegue sobreviver pior. Eu vivo das economias que sobraram, que já não eram muitas, e o peso é cada vez maior. No meu caso nem consigo trabalhar porque o ICA [Instituto do Cinema e do Audiovisual] está cortado, a RTP 2, em que por vezes dava para fazer pequenos documentários, também fechou a porta. Neste momento estou sem trabalho, ando à procura de fazer coisas que me paguem o almoço, a tentar trabalhos em televisão.



Edgar Pêra

Fazer equilíbrios

» Tento sempre estabelecer um equilíbrio entre as encomendas e os filmes de iniciativa própria. Tenho um lema que é não fazer distinção, são tanto filhos uns como os outros. Mas tento encontrar encomendas que não são necessariamente nas áreas ligadas ao cinema, como por exemplo na área da dança. Além disso, eu tinha um projeto para fazer uma longa-metragem, que já tinha sido aprovado, e que ficou de "pantanas". A nossa crise já é longa.



João Pedro Rodrigues

Encontrar soluções

» Tenho de encontrar soluções que vão para além do cinema para continuar a fazer filmes, como por exemplo dar aulas. Ultimamente tenho andado a promovê-los no estrangeiro, e isto é uma vantagem porque quando se vai ao estrangeiro os festivais pagam as despesas diárias normais de uma pessoa e, por isso, acaba por ajudar. Como tenho viajado muito, sempre que volto quero partir. Não quero estar mais neste país, deprime-me.